

Apresentação

Relações Internacionais: da América Latina para o mundo

Editores:

María del Carmen Villarreal Villamar¹

Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes²

A América Latina é uma região diversa que produz historicamente interpretações próprias sobre si e sobre o mundo, ao passo que ressignifica e questiona teorias, elaborando muitas vezes visões híbridas sobre a sua realidade e a política global. Embora isto possa parecer uma obviedade, por muito tempo o pensamento latino-americano sobre Relações Internacionais ficou à margem dos conteúdos ministrados pelo nosso campo de estudos e, apesar dos esforços de diversos pesquisadores e das reformas de diversos planos de estudos, ainda continua existindo amplo desconhecimento sobre a produção de autores e autoras latino-americanas na nossa área. Tal fenômeno é um exemplo das ausências e exclusões da nossa disciplina (Sanahuja, 2019; Tickner e Smith, 2020) e uma expressão do processo histórico de epistemicídio que as Relações Internacionais realizam e legitimam (Fernández, 2019).

1 Doutora em Ciência Política pela Universidad Complutense de Madrid. Professora de Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
Email: (mariavillarreal@ufrj.br). **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7255-2432>.

2 Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Goiás (UFG).
Email: (bittencourtrafael@ufg.br). **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0598-8823>.

Copyright:

- This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.
- Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



Porém, nos últimos anos, há um crescente interesse global por conhecer e compreender as contribuições da América Latina para as Relações Internacionais. Alguns exemplos deste movimento são a publicação, a inícios de 2024, de uma seção especial da Revista *International Affairs* intitulada “Missing Voices: Latin America Perspectives in International Relations” (Villanueva et al, 2024); e publicações como “Latin America in Global International Relations” (Acharya, Deciancio e Tussie, 2022); “La disciplina de las Relaciones Internacionales en América Latina. Contribuciones, límites y particularidades” (Álvarez, Deciancio, Molano Cruz e Ovando, 2021); “Introducción a las Relaciones Internacionales: América Latina y la Política Global” (Legler, Santa Cruz e Zamudio, 2021); “Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras” (Devés e Álvarez, 2020), por citar apenas alguns exemplos. No Brasil, vale destacar trabalhos como “Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas” (Cervo, 2001); “Relações Internacionais da América Latina de 1930 aos nossos dias” (Cervo, 2007); “Relações Internacionais da América Latina” (Viel, Quinteros e Reis da Silva, 2010) e “Geografia das Relações Internacionais da América Latina e Caribe: Temas e Debates” (De Castro e Blum, 2023).

Devemos também mencionar as contribuições trazidas por diversos dossiês temáticos elaborados nos últimos anos por publicações da nossa área como Conjuntura Austral, Monções, Espirales e Campos Neutrais. Por fim, queremos reconhecer o esforço da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) por estreitar os laços com a América Latina e por contribuir a divulgar o conhecimento sobre a nossa área produzido na região. O dossiê que aqui apresentamos é fruto desse importante trabalho que merece nossa aprovação e gratidão.

Relações Internacionais: um campo de estudos contestado e em plena expansão

De acordo com a narrativa dominante sobre a origem das Relações Internacionais, seu nascimento como disciplina ocorreu após a I Guerra

Mundial, com a criação, em 1919, da primeira cátedra de Política Internacional “Woodrow Wilson”, na Universidade de Aberystwyth, no País de Gales, Reino Unido (Ashworth, 2014). Nas décadas seguintes, houve especial desenvolvimento da disciplina na Europa e nos Estados Unidos, o que levou a maioria dos autores a falarem de uma disciplina ocidental e eurocêntrica (Bilgin, 2008; Acharya e Buzan, 2010; Vasilaki, 2012; Tickner e Smith, 2020; Shahi, 2023), enquanto para outros se trataria essencialmente de uma ciência social estadunidense (Hoffmann, 1977) ou *made in USA* (Tickner, 2021).

Ao longo dos séculos XX e XXI, diversas premissas, debates paradigmáticos, teóricos e metodológicos permitiram avanços na definição e identidade das Relações Internacionais. Além disso, os questionamentos sobre o universalismo da disciplina e seus mitos fundadores, formulados pelas análises marxistas, críticas, pós-coloniais, decoloniais, feministas e outras, tanto no Norte quanto no Sul Global, têm gerado um processo profundo de revisão ontológica e a realização de balanços críticos que evidenciaram limites, fragmentação, exclusões e numerosos desafios (Bilgin, 2008; Acharya e Buzan, 2010; Vasilaki, 2012; Fernández, 2019; Sanahuja, 2019; Tickner e Smith, 2020; Shahi, 2023). As chamadas para transcender o eurocentrismo das Relações Internacionais, descolonizar a disciplina e ampliar seus horizontes de pesquisa expressam um desejo ativo por criar modos alternativos de prática acadêmica e pedagógica. Neste sentido, além de demandar mais e melhor representação de vozes, histórias e fenômenos não ocidentais, os debates críticos – nas suas diversas vertentes –, também questionam as relações de poder que caracterizam a disciplina desde as suas origens e que estão presentes nas bases ontológicas, epistemológicas e metodológicas das RI (Anderl e Witt, 2020; Shahi, 2023).

Nesta linha crítica e autorreflexiva, autores como Amitav Acharya (2014) argumentaram que um desafio chave no estudo e ensino das RI é integrar as experiências e saberes de uma grande maioria de sociedades e Estados fora dos países centrais do Ocidente; experiências e saberes que, durante muito tempo, foram de interesse apenas para os especialistas de área e não para os estudiosos das Relações Internacionais como um todo. Tal visão parte da premissa que existe uma infinidade de interpretações sobre o internacional além do Ocidente (Bilgin, 2008; Vasilaki, 2012; Acharya e Buzan, 2010, 2019; Tickner e Smith, 2020; Acharya, Deciancio e Tussie, 2022; Shahi, 2023), muitas delas anteriores

à criação da disciplina em 1919, com diversos atores, níveis de análise e agendas de pesquisa (Ashworth, 2014; Neumann e Glørstad, 2022; Shahi, 2023).

Assim, o chamado para constituir umas RI globais (*Global IR*) busca superar os limites da disciplina, não mediante a rejeição do conhecimento tradicional, mas através da leitura crítica destas contribuições e da ampliação do campo de estudos das RI, integrando múltiplas vozes e experiências que vão além das divisões Norte-Sul e Leste-Oeste. Este convite para criar Relações Internacionais mais plurais busca também transcender a centralidade do Estado como ator principal e aponta outras categorias relevantes para o nosso campo de estudos até agora pouco exploradas, como as questões de raça, gênero, classe, etnia, entre outras (Bilgin, 2008; Vasilaki, 2012; Acharya e Buzan, 2010, 2019; Echart e Villarreal, 2019; Tickner e Smith, 2020; Acharya, Deciancio e Tussie, 2022).

Este movimento de abertura gera novas provocações para pensar os limites que precisam ser superados para que a área de RI seja menos sujeita ao provincialismo ocidental expresso no eurocentrismo. Neste sentido, até mesmo a ideia de *Global IR* se torna alvo de crítica, assim como outros movimentos que buscam ser mais críticos em algumas instâncias enquanto acabam mantendo alguns problemas em outras. É possível destacar neste sentido a crítica de Blaney e Tickner (2017) a Acharya (2014), a identificação por Jacqui True (2022) de uma terceira geração de pesquisadoras feministas em RI que exploram as interseções com a teoria queer e o pós-colonialismo (Weber, 2016; Parashar et al, 2018; Behl, 2019; Medie, 2020), a crítica a partir de autores indígenas, negros e quilombolas aos estudos decoloniais latino-americanos que se popularizaram a partir dos anos 2000 (Cusicanqui, 2010; Santos, 2015; Lopes e Lopes, 2022) assim como no surgimento de novas agendas de pesquisa para o campo de RI, como no caso dos estudos críticos da branquitude (Bento, 2022; Silva, 2023) e do estudo de relações internacionais pluriversais (Querejazu, 2022, 2024; Trowsell, 2022). Paralelamente, autores como Rosenberg (2016), através de conceitos como a multiplicidade, têm realizado uma revisão crítica das relações internacionais e suas teorias, sublinhando a necessidade de transcender as fronteiras disciplinares da Ciência Política e de aumentar o diálogo com outras ciências sociais, estudando o internacional de forma transdisciplinar.

Origens, contribuições e agendas de pesquisa das Relações Internacionais na América Latina

Na América Latina, as relações internacionais surgem como um campo de estudos interdisciplinar e pragmático, voltado para a resolução de problemas e estreitamente vinculado à ação política em prol de uma boa inserção internacional, a busca pelo desenvolvimento dos países da região e a transformação das estruturas internacionais (Tomassini, 1980, 1983; Cervo, 2001, 2007; Tickner, 2021; Álvarez, Deciancio, Molano Cruz e Ovando, 2021; Acharya, Deciancio e Tussie, 2022; Villanueva et al, 2024).

De acordo com Lechini e Rojo (2019), os primeiros estudos sobre a temática internacional no âmbito acadêmico surgem em 1922, com a abertura na cidade de Rosário (Argentina) da primeira graduação e posteriormente do doutorado em Diplomacia, criado em 1927. No Instituto de Direito Internacional da Universidade de Rosario, surgiu a *Revista de Derecho Internacional y Ciencias Diplomáticas*, a primeira publicação acadêmica especializada nos estudos internacionais da Argentina e da América Latina, fundada em 1949 (Lechini e Rojo, 2019, p. 189). Algumas das preocupações centrais do que hoje se denomina como Escola de Rosário das RI foram o estudo da inserção periférica da Argentina e a busca por aumentar sua margem de autonomia nas Relações Internacionais, a adoção de um olhar situado e latino-americanista para o estudo da política global e o interesse pelo desenvolvimento, pelo pensamento produzido no Sul Global e por reforçar os laços com esses países, através do que hoje denominamos como cooperação Sul-Sul (Lechini e Rojo, 2019; Lechini, 2021). Um dos acadêmicos mais relevantes e principal referência desta Escola foi Juan Carlos Puig, autor da teoria da autonomia (Puig, 1980).

A partir da segunda metade do século XX, de forma progressiva foram criados cursos de relações internacionais em todos os países da região. No México, o ensino acadêmico sobre Relações Internacionais começou em 1951 com a criação da *Licenciatura en Ciencias Diplomáticas*, na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e, em 1960, foi criado o Centro de Estudos Internacionais (CEI) do Colégio de México. Ambos os centros conceberam posteriormente publicações acadêmicas próprias: a revista *Relaciones Internacionales*, no primeiro caso, e a Revista

Foro Internacional, no segundo. Em 1982 foi fundada a *Asociación Mexicana de Estudios Internacionales* (AMEI) que promove anualmente atividades e congressos para os especialistas do setor. Alguns dos principais nomes da Escola Mexicana de Relações Internacionais são Daniel Cosío Villegas, Graciela Arroyo Pichardo, Ileana Cid Capetillo, Mario Ojeda, Alfredo Romero e Jorge Schiavon (Sánchez, 2020). As contribuições desta escola são diversas e giram em torno das particularidades da posição e inserção internacional do México e suas relações com os Estados Unidos, o asilo, os direitos humanos e as migrações, bem como sobre a responsabilidade global e a criação de relações internacionais não etnocêntricas que ofereçam olhares e interpretações plurais (Schiavon e Sletza, 2014; Sánchez, 2020).

No Brasil, em 1954 foi criado o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI) no Rio de Janeiro e em 1958 foi fundada, por Oswaldo Trigueiro, a Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI). Em 1974 surgiu o primeiro curso de RI, na Universidade de Brasília e em 2001 foi fundado o primeiro doutorado da área na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), enquanto a Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) foi estabelecida em 2005. No país, merece destaque a Escola de Relações Internacionais de Brasília, influenciada pela Escola dos Annales, as contribuições à História das Relações Internacionais de Pierre Renouvin e Jean Baptiste Duroselle e a Escola Inglesa (Bernal Meza e Álvarez, 2020, p. 46). Partindo essencialmente de um olhar histórico, crítico e situado, às contribuições desta Escola são diversas e incluem uma forte preocupação por compreender a política externa e as particularidades da inserção internacional do Brasil, as relações com os países vizinhos, as grandes potências e os demais países e regiões, bem como uma crítica dos marcos dominantes das RI, alheios aos problemas específicos do Brasil e da América Latina, e a necessidade de distinguir entre teorias e conceitos, valorizando a formulação de conceitos brasileiros (Cervo, 2008). Alguns dos seus principais expoentes são Luiz Amado Cervo, Luiz Alberto Moniz Bandeira e José Flávio Saraiva, e mais recentemente autores como Antônio Carlos Lessa e Norma Breda dos Santos (Bernal Meza e Álvarez, 2020, p. 45-46).

Além destas três importantes Escolas de RI na região, vale mencionar a Escola Panafricanista do Caribe, a Escola Unionista Centro-americana, a *Escola New World Group*, surgida no Caribe de língua inglesa (Devés, 2020a; Devés,

2020b; Devés e Estenssoro, 2020) e as contribuições das diversas escolas de pensamento surgidas na região andina (Jaramillo, 2009; Querejazu, 2021). Desde a segunda metade do século XX foram também fundados centros especializados em RI, assim como surgiram diversas publicações temáticas e experiências de cooperação regional como o Programa de Estudos Conjuntos sobre as Relações Internacionais da América Latina (RIAL), fundado em 1977. Este último, vigente até 1991, foi um centro operativo que teve um papel central na promoção dos estudos sobre RI na região e na profissionalização dos seus pesquisadores, além de ser um espaço de encontro, discussão e formulação de diretrizes de política externa em prol de uma melhor inserção regional (Tomassini, 1983, p.11). Contudo, devemos destacar que muitas contribuições sobre RI elaboradas na América Latina se deram através de pessoas negras, mestiças e indígenas, que não estavam formalmente vinculadas ao campo de RI, mas cujas ideias têm sido mobilizadas cada vez mais, como podemos ver ao identificar referências a autores como Milton Santos, Lélia González, Abdias do Nascimento, José Carlos Mariátegui, Silvia Rivera Cusicanqui, Gloria Anzaldúa, entre outras.

Historicamente, analistas latino-americanos – muitos deles não apenas acadêmicos, mas participantes da vida política dos seus países – tiveram entre suas preocupações e principais agendas de pesquisa as relações com os Estados Unidos, a autonomia, o desenvolvimento e a integração regional (Tomassini, 1980; Cervo, 2001, 2007; Oyarzún, 2020; Devés e Álvarez, 2020; Ojeda e Villarreal, 2021). Tais preocupações e agendas de pesquisa permitiram que os autores da região formulassem contribuições originais, questionamentos e revisitações das visões tradicionais das RI, criando muitas vezes enfoques e conceitos interpretativos híbridos. Este é o caso do estruturalismo latino-americano, sob a égide da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), e especialmente da Teoria da Dependência que têm forte influência no campo da Economia Política Internacional (EPI) até hoje, constituindo uma das contribuições mais bem sucedidas de exportação do conhecimento do Sul para o Norte Global (Tickner, 2021). Por outro lado, a Escola da Autonomia (especialmente a partir das contribuições de Juan Carlos Puig e Hélio Jaguaribe) e o pensamento decolonial a partir dos pesquisadores do grupo Modernidade/Colonialidade, nas suas diversas vertentes, têm posicionado América Latina como um importante polo de pensamento crítico, produtora

de teorias e conceitos próprios, além de reformuladora das teorias tradicionais de RI (Álvarez, Deciancio, Molano Cruz e Ovando, 2021; Acharya, Deciancio e Tussie, 2022).

O exercício de autorreflexão e a leitura situada da política global têm levado a estudiosos da região a formular propostas teóricas como o realismo periférico no campo da política externa (Escudé, 1992) e enfoques como o da insubordinação fundante (Gullo, 2008, 2012) que busca promover processos de emancipação e soberania real na América Latina. São também significativas as doutrinas formuladas por personalidades políticas e diplomáticas da região, como a Doutrina Drago, Estrada, Calvo, Bettancourt, entre outras (Devés e Álvarez, 2020). Mais recentemente, no contexto de profundas mudanças domésticas e internacionais e da disputa pela hegemonia entre China e Estados Unidos, merece atenção a política de não alinhamento ativo como posicionamento estratégico para a região no século XXI (Fortín, Heine e Ominami, 2021).

Sem pretensões de exaustividade, dado o alto grau de produção acadêmica e de especialização que as pesquisas sobre RI da região vêm experimentando, vale destacar também as contribuições latino-americanas para os estudos sobre paz, ética, mediação, desarmamento, direitos humanos e humanitarismo; multilateralismo, organizações internacionais e cooperação internacional; política externa, regionalismos e segurança internacional; as contribuições feministas e os estudos queer; e agendas de pesquisa mais recentes como meio ambiente e migrações internacionais (Tickner, 2020; Tickner e Smith, 2020; Álvarez, Deciancio, Molano Cruz e Ovando, 2021; Acharya, Deciancio e Tussie, 2022; Felix de Souza, Barasuol e Koehler, 2023).

Como visto, as reflexões sobre RI na América Latina não são algo novo e as contribuições que a região tem a oferecer para o nosso campo são múltiplas e superam visões reducionistas que se limitam a tratar esta vasta produção em uma ou poucas páginas. Já passou da hora de estudar com mais atenção este pensamento e visibilizá-lo com a relevância que merece. Nosso dossiê busca contribuir com uma agenda de pesquisa que nos permita reescrever a história da disciplina integrando nela a multiplicidade existente de vozes, saberes e projetos da América Latina. Partimos do pressuposto que revisitar o passado e compreender as reflexões sobre RI produzidas na região vai nos ajudar não

somente a entender melhor quem somos, mas a construir o futuro da disciplina que queremos viver.

As contribuições do dossiê

Com o objetivo de transcender o excepcionalismo latino-americano, o dossiê “Relações Internacionais: da América Latina para o mundo” busca compreender quais são as contribuições da região na área de RI. Ao reconhecer que a América Latina não é apenas um território receptor, mas também intérprete crítico, reformulador e produtor de pensamento próprio sobre Relações Internacionais, queremos visibilizar a diversidade de escolas, perspectivas, releituras, adaptações e agendas de pesquisa das e dos analistas da região.

Os sete artigos que compõem este dossiê foram cuidadosamente selecionados entre contribuições recebidas do Brasil, Espanha, Chile, Argentina e Colômbia. Os artigos apresentados expressam parte da riqueza e diversidade de reflexões teóricas e agendas de pesquisa de Relações Internacionais da América Latina. Eles analisam algumas formulações latino-americanas às teorias das Relações Internacionais, temas clássicos e recentes no nosso campo como a integração regional, o meio ambiente e as migrações, ao passo que apresentam as potencialidades do pensamento indígena, africano e afrodiaspórico para estudar a política global.

No primeiro texto “Outro mundo é possível: uma interpretação sobre o internacionalismo do neozapatismo”, Daniel Sebastián Granda Henao se pergunta se seria possível pensar sobre o campo das Relações Internacionais pela ótica das cosmopolíticas insurgentes dos povos indígenas contra o Estado, o Capitalismo e o Patriarcado. Para tanto, a partir de uma abordagem decolonial, o autor explora diversas contribuições do neozapatismo e oferece uma chave de leitura alternativa para pensar, repensar e sentipensar tanto a nossa disciplina como a política internacional contemporânea.

O segundo texto do dossiê se chama “What does it mean to be an African person? Racialized identify and citizenship policies for the sixth zone of Africa”, de Bas’Ilele Malomalo, Lúcia de Toledo França Bueno e Marrielle Maia. Ao

chamar a atenção para o que significa ser uma pessoa africana, o texto mobiliza uma identidade racializada que não se limita à geografia do continente africano, mas que se expande para a América Latina e outras regiões para as quais há forte presença de uma população afrodiaspórica, sendo grande parte desta população resultado de um processo violento gerido pelas potências coloniais europeias de tráfico de seres humanos de origem africana que eram reduzidos à condição de escravos. Este movimento é estudado a partir da ideia de institucionalização da Diáspora Africana como a Sexta Região da União Africana.

No terceiro texto “A Burguesia Brasileira e o Mercosul: entre o Movimento Pendular e o Regionalismo Negociado (2012-2022)”, Tatiana Berringer e Kayque Ferraz analisam as posições da burguesia interna brasileira em relação ao Mercosul entre 2012 e 2022. O trabalho oferece uma sólida e original leitura marxista do regionalismo sul-americano e da política externa brasileira, baseada nas contribuições de Nicos Poulantzas e diversos dos seus intérpretes na região, entre os que se contam os autores do texto e diversos estudiosos brasileiros e argentinos especialmente.

Em seguida, o quarto texto do dossiê tem como título “Autonomia, geopolítica crítica e decolonialidade: contribuições latino-americanas ao debate teórico sobre regionalismo e integração regional” e é de Carolina Albuquerque Silva. Ao mobilizar a geopolítica crítica e o pensamento decolonial para estudar a integração regional e o regionalismo na América Latina, o artigo defende a importância de incluir as dimensões sociais e epistemológicas às visões tradicionais da autonomia que a situam como assunto eminentemente estatal.

No quinto texto do dossiê “Política Externa e Agronegócio no Brasil: atores, interesses e influência no Governo Bolsonaro”, Fernanda Nanci Gonçalves e Eduardo Morrot Coelho Madureira analisam um tema ainda relativamente pouco explorado, mas com enorme potencial na nossa área, dado o peso do agronegócio para a economia e a projeção internacional do Brasil. Tendo como base as contribuições teóricas de Helen Milner, pesquisas de diversos autores brasileiros e seus próprios trabalhos na área da política externa, eles realizam uma análise detalhada das características e atuação do agronegócio brasileiro no período de 2019 a 2022, evidenciando um protagonismo crescente deste setor e sua ampla capacidade de influência sobre a política externa e o projeto de desenvolvimento do país.

O sexto artigo do dossiê se chama “Autonomia e Política Externa em Juan Carlos Puig e Carlos Escudé” e foi escrito por Matheus de Oliveira Pereira. Ao revisitar autores argentinos fundamentais para as RI como Puig e Escudé, o artigo se engaja no movimento de pensar RI Global na medida em que retoma estes clássicos enquanto textos de teoria das Relações Internacionais. Se nas teorias de autores localizados e identificados com os países do Norte Global a soberania é algo dado e pouco discutido, na obra destes autores a partir do Sul Global o que ganha relevo é o conceito de autonomia, evidenciando justamente a particularidade de uma região que se insere num sistema internacional de Estados a partir de uma posição periférica.

Por fim, no artigo “The politicization of (im)migration in South America: innovative responses and the weakness of legal frameworks regulating mobility”, João Carlos Jarochinski Silva e Jorge Macaísta Malheiros, mostram que a diferença das narrativas tradicionais sobre o papel historicamente acolhedor e receptivo dos países sul-americanos, em relação às migrações contemporâneas, prevalece a desarticulação política regional e são majoritárias as práticas de politização da migração em função de interesses domésticos e geopolíticos. Como resultado, os países sul-americanos, por um lado, acolhem seletivamente certas populações de migrantes e refugiados e criam discursos e políticas diferenciadas para nacionalidades específicas; por outro, para a maioria das pessoas em mobilidade humana prevalecem a xenofobia institucional, os obstáculos para acessar a direitos e a falta de políticas adequadas para atender suas necessidades e regular sua condição migratória.

Esta seleção de sete artigos apresenta um pouco das inúmeras possibilidades ricas de agendas de pesquisa nos estudos de Relações Internacionais da América Latina. De política externa à migração e direitos humanos, da preocupação com a identidade dos afrolatinoamericanos ao internacionalismo neozapatista, aqui pudemos navegar por algumas destas possibilidades. Recentemente os pesquisadores da região têm intensificado seus diálogos, como é possível observar a partir da criação no âmbito da *International Studies Association* (ISA) de uma divisão regional dedicada à América Latina e Caribe. No âmbito da ABRI, a criação recente de áreas temáticas dedicadas a questões de gênero e de raça sugerem as novas tendências para o melhor entendimento das relações internacionais e colocam a América Latina na vanguarda de um debate

crítico que não invisibiliza modos variados de relações de poder existentes. Seja através destas novas criações institucionais, seja através das associações nacionais de RI, seja através dos inúmeros cursos e programas de pós-graduação já existentes, assim como pelos periódicos já experimentados ao longo dos anos, a produção sobre e na região tende a se tornar cada vez mais robusta, circulando sobretudo em textos nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa.

Esperamos que este dossiê desperte novas ideias e possibilidades nas mais diversas áreas dos estudos internacionais a partir de nós na América Latina. Boa leitura!

Referências

- ACHARYA, Amitav; DECIANCIO, Melissa; TUSSIE, Diana. (eds.). 2022. **Latin America and the Caribbean in Global International Relations**. New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- ACHARYA, Amitav. 2014. Global International Relations (IR) and Regional Worlds: A New Agenda for International Studies. **International Studies Quarterly**, v. 58, n. 4, 647-659.
- ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry (eds.). 2010. **Non-Western International Relations Theory: Perspectives on and Beyond Asia**, Nueva York, Routledge.
- ÁLVAREZ, Gonzalo; DECIANCIO, Melissa, MOLANO CRUZ, Giovanni; OVANDO, Cristian. (eds.). 2021. **La disciplina de las Relaciones Internacionales en América Latina. Contribuciones, límites y particularidades**. Santiago: Ril Editores.
- ANDERL, Feliz; WITT, Antonia. 2020. Problematizing the global in Global IR. **Millenium: Journal of International Studies**. v, 49, n.1, 32-57.
- ASHWORTH, Lucina. 2014. **A History of International Thought: From origins of the modern state to academic international relations**. London & New York: Routledge.
- BEHL, Natasha. 2019. **Gendered Citizenship: Understanding Gendered Violence in Democratic India**, New York: Oxford Academic Press.
- BENTO, Cida. 2022. **O pacto da branquitude**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

- BERNAL MEZA, Raúl; ÁLVAREZ, Silvia. 2020, Escuela de Brasilia. In DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.
- BILGIN, Pinar. 2008. Thinking past “Western” IR? **Third World Quarterly**, v. 29, n. 1, 5-23.
- BLANEY, David L & TICKNER, Arlene B. 2017. Worlding, ontological politics and the possibility of a decolonial IR. **Millennium**, v. 45, n. 3, 293-311.
- CERVO, Amado. 2001. **Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI).
- CERVO, Amado. 2007. **Relações Internacionais da América Latina de 1930 aos nossos dias**. São Paulo: Editora Saraiva.
- CERVO, Amado. 2008. Conceitos em Relações Internacionais. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 51, n. 2, 8-25.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. 2010. **Ch’ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**, Buenos Aires: Tinta Limón.
- DE CASTRO, Claudete; BLUM, Gustavo. 2023. **Geografia das Relações Internacionais da América Latina e Caribe: Temas e Debates**. Curitiba: Appris.
- DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. 2020. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.
- DEVÉS, Eduardo. 2020a. Escuela Panafricanista del Caribe. In DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. 2020. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.
- DEVÉS, Eduardo. 2020b. Escuela Unionista Centroamericana. In DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. 2020. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.
- DEVÉS, Eduardo; Estenssoro. 2020. Escuela New World Group. In DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. 2020. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.

- ECHART Enara; VILLARREAL, Maria. 2019. Women's struggles against extractivism in Latin America and the Caribbean. **Contexto Internacional**, v. 41, 303–325.
- ESCUDE, Carlos. 1992. **Realismo periférico. Fundamentos para la Nueva Política Exterior Argentina**. Buenos Aires: Planeta.
- FERNÁNDEZ, Marta. As Relações Internacionais e seus epistemicídios. 2019. **Monções**, v. 8, n. 15, 458-485.
- FELIX DE SOUZA, Natália; BARASUOL, Fernanda; KOEHLER, Cristine. 2023. **Feminismo e Gênero: Relações Internacionais**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço.
- FORTIN, Carlos; HEINE, Jorge, OMINAMI, Carlos, (eds.). 2021. **El No Alineamiento Activo y América Latina: Una Doctrina para el Nuevo Siglo**. Santiago de Chile, Catalonia.
- GULLO, Marcelo. 2018. **Relaciones internacionales: una teoría crítica desde la periferia sudamericana**. Buenos Aires: Biblos.
- GULLO, Marcelo. 2012. **Insubordinación y desarrollo. Las claves del éxito y el fracaso de las naciones**. Buenos Aires: Biblos.
- HOFFMANN, Stanley. 1977. An American Social Science: International Relations. **Dedalus**, v. 106, n.3, 41-60.
- JARAMILLO, Grace. 2009. Estudio introductorio. Las Relaciones Internacionales en América Latina: una amalgama de nuevos enfoques y nuevos actores. In JARAMILLO, Grace. **Relaciones internacionales: los nuevos horizontes**. Quito: FLACSO.
- LECHINI, Gladys; ROJO, Patricia. 2019. Las contribuciones de la “Escuela Rosarina” al estudio de Relaciones Internacionales en Argentina. **Revista de Relaciones Internacionales de la UNAM**, n. 133, 185-205.
- LECHINI, Gladys. 2020. Escuela Rosarina de Relaciones Internacionales. In DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.
- LEGLER, Thomas; SANTA CRUZ, Arturo; ZAMUDIO GONZÁLEZ, Laura (eds.). 2021. **Introducción a las relaciones internacionales: América Latina y la política global**. México: Universidad Iberoamericana.

- LOPES, Rafael Bittencourt Rodrigues; LOPES, Valéria Oliveira. 2022. Uma Outra RI Já Existe: Explorando As Ausências E Emergências a Partir Do Sul Global. **Monções: Revista De Relações Internacionais Da UFGD**, v. 11, n. 21, 64-93.
- MEDIE, Peace A. 2020. **Global Norms and Local Action: The Campaigns to End Violence Against Women in Africa**, New York: Oxford University Press.
- NEUMANN, Iver; GLØRSTAD, Hákon, 2022. Prehistorical International Relations: How, Why, What. **Global Studies Quarterly**, v. 2, pp. 1-12.
- OJEDA, Tahina; VILLARREAL, María (Org.). **Pensamento crítico-latinoamericano sobre desenvolvimento**. 2. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2021.
- OYARZÚN, Lorena. 2020. Relaciones internacionales y América Latina: avances y desafíos en la disciplina. **Oasis**, n. 32, 105-124.
- PARASHAR, Swati, TICKNER, Ann; TRUE, Jacqui; SPIKE PETERSON, V. (eds). 2018. **Revisiting Gendered States**, New York: Oxford University Press.
- PUIG, Juan Carlos. 1980. **Doctrinas internacionales y autonomía latinoamericana**. Caracas: Universidad Simón Bolívar, Instituto de Altos Estudios de América Latina, Fundación Bicentenario de Simón Bolívar.
- QUEREJAZU, Amaya. 2021. Contribuciones latinoamericanas emergentes. Las relaciones internacionales desde el pensamiento político andino. In ÁLVAREZ, Gonzalo; DECIANCIO, Melissa, MOLANO CRUZ, Giovanni; OVANDO, Cristian. (eds.). 2021. **La disciplina de las Relaciones Internacionales en América Latina. Contribuciones, límites y particularidades**. Ril Editores.
- QUEREJAZU, Amaya. 2022. Cosmopraxis: Relational methods for a pluriversal IR. **Review of International Studies**, v. 48, n. 5, 875-890.
- QUEREJAZU, Amaya. 2024. Animacy and the Agency of Spiritual Beings in Pluriversal Societies. **International Political Sociology**, v. 18, n 2, olae012.
- ROSENBERG, Justin. 2016. International Relations in the Prison of Political Science. **International Relations**, v. 30, n. 2, 127-153.
- SANAHUJA, José. 2019. Ausencias y exclusiones: una mirada reflexiva sobre la constitución de las Relaciones Internacionales como disciplina. In LOZANO, Alberto; SARQUÍIS, David; VILLANUEVA, José; JORGE, David (coords.). **¿Cien años de Relaciones Internacionales? Disciplinariedad y Revisionismo**. México: Siglo XXI de México / Asociación Mexicana de Estudios Internacionales (AMEI).

- SÁNCHEZ, Alfonso. Escuela Mexicana de Relaciones Internacionales. In DEVÉS, Eduardo & ÁLVAREZ, Silvia. 2020. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**. Santiago: Ariadna Ediciones.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. 2015. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: INCTI/UnB.
- SCHIAVON, Jorge, SLETZA, Adriana; LÓPEZ, Marcela; VELÁZQUEZ, Rafael (eds.). 2014. **Teorías de las relaciones internacionales en el siglo XXI: Interpretaciones críticas desde México**. México: AMEI, BUAP, CIDE, COLSAN, UABC, UANL y UPAEP.
- SHAHI, Deepshikha. 2023. **Global IR Research Programme: The futuristic Foundation of “One and Many”**. Cham: Palgrave Macmillan.
- SILVA, Karine de Souza. 2023. Critical Whiteness Studies and International Relations: disputing narratives and challenging epidermalized structures of power in teaching, research and extension. **Sequência (Florianópolis)**, v. 44, e92064.
- TICKNER, Arlene. 2021. El pensamiento latinoamericano en las Relaciones Internacionales. In LEGLER, Thomas; SANTA CRUZ, Arturo; ZAMUDIO GONZÁLEZ, Laura (eds.). 2021. **Introducción a las relaciones internacionales: América Latina y la política global**. México: Universidad Iberoamericana, 2021.
- TICKNER, Arlene & SMITH, Karen. 2020. Introduction: International Relations from the Global South. In Tickner, Arlene & Smith, Karen (Eds.), **International Relations from the Global South: Worlds of Difference**. Abingdon, Oxon, New York: Routledge.
- TOMASSINI, Luciano. 1983. El desarrollo de los estudios internacionales en América Latina. In DREKONJA, Gerhard y TOKATLIAN, Juan (eds.), **Teoría y práctica de la política exterior latinoamericana**. Bogotá: CEREC-CEI.
- TOMASSINI, Luciano. 1980. Los Estudios Internacionales en América Latina: algunas contribuciones. **Estudios Internacionales**, v. 13, n. 52, 545-552.
- TROWNSELL, Tamara. 2022. Recrafting ontology. **Review of International Studies**, v. 48, n. 5, 801-820.
- TRUE, Jacqui. 2022. Feminism(s). In: TRUE, J., DEVETAK, Richard (eds.). **Theories of International Relations**, 6th ed, London: Bloomsbury Academic.

- VASILAKI, Rosa. 2012. Provincializing IR? Deadlocks and Prospects in Post-Western IR Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 41, n. 1, 3-22.
- VIEL, Luiz Felipe; QUINTEROS, André Luiz; REIS DA SILVA, Marcela. 2010. **Relações Internacionais da América Latina**. Petrópolis: Vozes.
- VILLANUEVA, Ricardo; DE ALBA-ULLOA, Jessica; GONZÁLEZ, Pedro; LORENZINI, Maria. 2024. Missing Voices: Latin America Perspectives in International Relations. **International Affairs**, v. 100, 1-5.
- WEBER, Cynthia. 2016. **Queer International Relations**, New York: Oxford University Press.